

A VOZ DA RESISTÊNCIA NO ROMANCE DE JULIÁN FUKS ¹

THE VOICE OF RESISTENCE IN JULIÁN FUKS' NOVEL

Lizandro Carlos Calegari²

Vanderléia de Andrade Haiski³

RESUMO: O romance *A resistência* (2015), do escritor brasileiro Julián Fuks, conta a história do narrador-personagem que busca resgatar e compreender o seu passado e o da sua família, exilados no Brasil durante a ditadura argentina (1976-1983). Este trabalho tem por objetivo analisar aspectos sobre memória e resistência no referido romance. A resistência, nesse livro, se dá como tema e também como forma. Ademais, ela está presente numa série de aspectos do romance e, nesse sentido, uma relação entre o **resistir** e o **existir** pode ser estabelecida, já que o narrador resiste como forma de reafirmar a sua existência. Maurice Halbwachs e Alfredo Bosi são alguns dos estudiosos que servirão de base para este estudo.

Palavras-chave: Romance. Memória. Resistência. Ditadura militar.

ABSTRACT: *A resistência* (2015), a novel written by the Brazilian writer Julián Fuks, tells the story of the narrator-character who seeks to rescue and understand his past and the past of his family, exiled in Brazil during the Argentine dictatorship (1976-1983). This work aims at analyzing some aspects about memory and resistance in this book. The resistance, in this text, occurs both as theme and as form. Furthermore, it is present in a series of aspects of the novel and, thus, a relation between **resistance** and **existence** can be established, since the narrator resists as a way of reaffirming his existence. Maurice Halbwachs and Alfredo Bosi are some of the scholars who underscore the present approach.

Keywords: Novel. Memory. Resistance. Military dictatorship.

¹ Artigo recebido em 20 de setembro de 2018 e aceito em 26 de novembro de 2018. Texto orientado pelo Prof. Dr. Lizandro Carlos Calegari (UFMS).

² Doutor em Letras. Professor dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Letras da UFMS.
E-mail: lizandro.calegari@yahoo.com.br

³ Doutoranda do Curso de Letras da UFMS.
E-mail: vanderleiaedeandrade@hotmail.com



INTRODUÇÃO

A obra *A resistência* (2015) concedeu ao seu autor, o brasileiro Julián Fuks, em 2016, o Prêmio Jabuti na categoria romance. Filho de pais argentinos, Fuks é escritor, tradutor e crítico literário e, em 2012, foi eleito pela revista *Granta* como um dos vinte melhores jovens escritores brasileiros. O livro é marcado pelas memórias do narrador-personagem, Sebastián, que reconstrói sua história familiar, na tentativa de encontrar a *verdade* e entender o relacionamento conturbado de seu irmão adotivo com a família. O irmão foi adotado durante a ditadura Argentina (1976-1983) por um casal de psicanalistas, que logo buscaram exílio no Brasil. O menino cresceu, ganhou irmãos, e as relações familiares tornaram-se complexas, apesar do conhecimento dos pais sobre as teorias a respeito de filhos adotivos e biológicos. Enfim, a partir do drama que a Argentina experimentou desde o golpe de 1976, se dá o drama particular dessa família e cabe ao narrador, e irmão mais novo, examinar e reescrever o passado de sua família.

Pode-se dizer que *A resistência* é um romance com teor testemunhal. As semelhanças dos personagens e da trama do livro podem não ser mera coincidência com a vida do autor. De fato, os pais de Fuks se exilaram no Brasil, existe um irmão adotivo, e a sua relação com a Argentina sempre foi ambivalente e complexa. Em entrevista a revista *Cult*, o autor menciona a relação entre a sua história e o romance: "(...) não me perceb[o] plenamente argentino sem nunca me sentir totalmente brasileiro. Coloquei isso no livro: o exílio é algo que se herda. Se o filho nasce no exílio dos pais é também um exilado" (PIRES, 2017). Ao optar por escrever um romance e não um relato de testemunho, o autor pode dar mais ênfase à estética, pois, como se trata de uma narrativa ficcional, é possível escolher os elementos que farão parte dessa narrativa.

Além disso, um trabalho ficcional é mais acessível do que as memórias de um indivíduo que passou por um evento traumático, como a ditadura ou o exílio, ou que carrega as memórias de seus familiares, pois pode ter um valor pedagógico e pode despertar mais interesse dos leitores e da crítica. Outro aspecto interessante do romance é que, por intermédio dele, o autor pode ir com sua narrativa a lugares e a acontecimentos nos quais o narrador de um relato testemunhal normalmente não pode ir. Toma-se, aqui, por exemplo, um relato de testemunho, em que o sobrevivente nunca poderá expor completamente a experiência do Holocausto, uma vez que, segundo Anna Richardson, "aqueles que sobreviveram não foram para a câmara de gás. Neste caso, a ficção tem vantagem, como é tecnicamente possível expressar o que acontece no momento da morte em



uma narrativa ficcional”⁴ (RICHARDSON, 2017). No caso de *A resistência*, coube ao autor escolher no que adentrar ou não no âmbito da representação da ditadura militar Argentina.

No romance, o autor tem a possibilidade de estudar ou pesquisar sobre o assunto a ser trabalhado, a fim de mais bem elaborar os personagens, a trama e os demais elementos de sua narrativa. Um escritor que pretende narrar sobre a memória ou a ditadura, por exemplo, por meio de pesquisas diversas, tem acesso a conhecimentos que lhe permitem falar sobre esse tema, apresentando as especificidades temáticas e formais que facultam uma possível representação do acontecimento. No romance de Fuks, vários aspectos poderiam ser objeto de estudo como, por exemplo, o trauma transmitido de uma geração à outra, a questão do exílio ou a intertextualidade presente na narrativa. No entanto, este estudo tem por objetivo analisar aspectos da memória e da resistência, os quais são constantes no romance. O estudo, de cunho bibliográfico e analítico, terá por base pressupostos teórico de estudiosos como Maurice Halbwachs e Alfredo Bosi, entre outros.

A MEMÓRIA E O RESGATE DO PASSADO

Em se tratando de memória, o narrador do romance *A resistência* busca, através das suas memórias e das suas pesquisas, entender seu irmão adotivo e o passado de seus pais argentinos exilados no Brasil. No momento da narrativa, o narrador-personagem se encontra na Argentina, visitando lugares e pesquisando sobre a história de sua família bem como sobre o período ditatorial argentino. Contudo, ao longo da narrativa, ele elabora longos *flashbacks* de seu passado, especialmente do convívio familiar, e também tem memórias reconstruídas pela sua imaginação, como as histórias que ouviu dos pais. Nesse sentido, as memórias do narrador são articuladas de maneira precária, pois ele não tem certeza de suas próprias lembranças. As memórias do narrador são memórias que carregam o trauma e o exílio dos pais, sobreviventes da ditadura argentina.

Com isso, a memória desempenha um papel importante na construção do narrador-personagem. É pertinente destacar que é através da memória que o passado existe de forma peculiar para cada indivíduo e é através

⁴ Traduzido do original: “(...) those who survived did not go to the gas chamber. In this instance fiction has the advantage, as it is technically possible to convey what happens at the moment of death in a fictional narrative”. Todas as traduções aqui apresentadas foram feitas pelos autores deste artigo.



dela que cada um pode reviver experiências passadas e também os seus traumas. Enrique Serra Padrós, aliás, com base em considerações feitas pelo historiador francês Jacques Le Goff, ao buscar um conceito de memória, propõe que

(...) [a] palavra memória, de origem latina, deriva de *menor* e *oris*, e significa “o que lembra”, ligando-se assim ao passado; portanto, ao já vivido. A nível individual, a memória é a capacidade de um conjunto de funções psíquicas que possibilitam conservar certas informações, “graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. (PADRÓS, 2001, p. 79-80, ênfase no original)

Assim, a memória teria como função preservar o passado, pois sem ela seria difícil conservar as lembranças, tanto individuais quanto coletivas. O narrador de *A resistência* sente-se no exílio dos pais e também carrega as memórias daqueles que passaram pela ditadura, levando, com isso, as dores e os traumas dos que viveram durante tal período. Embora o trauma estabeleça uma relação direta com a memória individual, a memória coletiva e a memória historiográfica merecem atenção no sentido de que ambas podem auxiliar o indivíduo na organização de sua memória individual ou no preenchimento de suas lacunas, não obstante a existência de divergências ou de conflitos entre a memória individual e os demais tipos de memórias.

Segundo o sociólogo Maurice Halbwachs, as lembranças individuais estão vinculadas a pessoas e a lugares específicos e, por isso, “[n]ossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estamos envolvidos, e com objetivos que só nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Nesse sentido, a memória individual pode ser modificada, na medida em que novos fragmentos são acrescentados a ela, seja porque fatos esquecidos são lembrados ou por algo externo que alterou o ponto de vista sob o qual o passado era observado até então. O narrador de *A resistência* expõe diversas memórias, que podem ser caracterizadas como individuais, ao longo da narrativa, como a seguir:

Estávamos entre irmãos, e entre irmãos era mais fácil apreciar a irresponsabilidade, fantasiar uma improvável acusação dos adultos, uma censura aos supostos riscos que enfrentávamos. Nos saltos do meu irmão esses riscos se faziam espetaculares, e não raro minha irmã e eu nos afastávamos para assistir, admirados com sua destreza, espantados com sua coragem.



Alguém dirá que essa era a sua forma de dissipar a agressividade, que se atirando no vazio ele dominava a angústia e o desamparo – a angústia que se refletia em nossos olhos e que nós também dissipávamos simplesmente a observá-lo. Mas nada disso parecia turvar a alegria daqueles atos, nada disso esvaecia em seu rosto o sorriso que lhe era tão pouco habitual. (FUKS, 2015, p. 26-27)

Nesse fragmento, o narrador expõe uma memória de sua infância, de um momento de brincadeira com seus irmãos. Nota-se que o narrador descreve a cena com riqueza de detalhes, incluindo as percepções que, mesmo na infância, tinha sobre o seu irmão adotivo: alguém que se sentia angustiado e desamparado, de sorriso raro e que guardava certa agressividade, mas que também era corajoso. Além disso, percebe-se que, embora seja uma memória da infância, o narrador usa palavras que podem estar relacionadas com o período em que viviam, ou seja, a ditadura argentina, como: “acusação”, “censura”, “riscos”, “coragem”, “agressividade”, “angústia” e “desamparo”. Tais vocábulos remetem a situações ou a sentimentos comuns de quem viveu o período ditatorial.

A memória é uma evocação do passado que se realiza no presente e, através dela, a testemunha ou a vítima de um episódio violento tem a possibilidade de organizar mentalmente essas experiências e, então, articular o presente com o passado e o futuro. Porém, relembrar, organizar e externalizar essas memórias não é algo simples, pois é preciso lidar com atos falhos da memória, com o esquecimento, a repressão ou a resistência, e até mesmo com o anseio de dispor de um ouvinte confiável e encontrar nas palavras a significação adequada para expressar tais lembranças. Para Márcio Seligmann-Silva, “a memória – assim como a linguagem, com seus atos falhos, torneios de estilo, silêncios etc. – não existe sem sua resistência” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 52), a exemplo da memória que não existe sem o esquecimento. Essas são relações que não se dissociam, mas que se unem e se complementam umas às outras. O passado, por vezes, é como imagens mutiladas, sobre as quais o sujeito resiste em rememorar ou narrar. De acordo com Geoffrey Hartman,

(...) [a] memória, e especialmente a memória usada na narração, não é simplesmente um nascer póstumo da experiência, uma formação secundária: ela *possibilita* a experiência, permite que aquilo que chamamos de o real penetre na consciência e na apresentação das palavras, para tornar-se algo mais do que só o trauma seguido por um apagamento mental higiênico e, em última instância, ilusório. (HARTMAN, 2000, p. 223, ênfase no original)



Assim, a memória possibilita ao indivíduo traumatizado resgatar o seu passado, da mesma forma que permitiu ao narrador de *A resistência* esse resgate, mesmo que parcialmente. É importante lembrar, todavia, que a memória de um sobrevivente ou de alguém que carrega marcas de um período de violência é uma memória ferida, fragmentada, que evoca dores e angústias, e é um sujeito com essas características que o narrador-personagem representa. O indivíduo traumatizado não reproduz conscientemente as lembranças dos fatos envolvidos, mas ele repete, de forma inconsciente, os sintomas do trauma, mesmo sendo um trauma transmitido de uma geração a outra. Desse modo, a memória exerce uma função importante na medida em que auxilia o sujeito a narrar e a reorganizar os acontecimentos do passado internamente. Além disso, auxilia o indivíduo a se constituir como sujeito no presente, como mostra o fragmento a seguir:

Armas embaixo da cama de meu pai, penso nessas armas, deixo que existam em minha consciência. (...). Agora penso nessas armas e não entendo a euforia que sinto, a vaidade que me acomete, como se a biografia do meu pai em mim se investisse: sou o filho orgulhoso de um guerrilheiro de esquerda e isso em parte me justifica, isso redime minha própria inércia, isso me insere precariamente numa linhagem de inconformistas. (FUKS, 2005, p. 38)

As memórias do passado auxiliam o narrador a entender o seu presente e a justificar, em parte, os seus sentimentos e a sua personalidade. O narrador deseja preservar o seu passado, pois ele **deixa** que essas memórias existam em sua consciência. Suas memórias o auxiliam a se constituir como sujeito, uma vez que ele atribui às lembranças do passado de seu pai a sua condição atual de sujeito inserido precariamente na geração dos inconformistas. É como se a luta do seu pai no período ditatorial também fizesse parte dele.

Vale lembrar também que as memórias de narrador não são apenas as memórias vivenciadas por ele, mas também as memórias que foram transmitidas de uma geração à outra. O narrador apresenta as memórias de seus ancestrais narradas por seus pais, que começaram na Alemanha com seus antepassados judeus, dos quais advém a origem do nome. Da narrativa feita por seu pai, o narrador-personagem traz à memória a história de seu avô paterno:

Em algum vilarejo não registrado, então, nasceu o avô que não conheci, um lendário Abraham, não muito longe de onde nasceria minha avó, uma tal Ileana, cujo nome me parecia



esquisito ainda que meu pai o pronunciasse com um carinho imensurável. Ambos judeus, ambos inquietos no princípio de um século que se anunciava macabro, ambos assustados com o antissemitismo crescente que ameaçava seus próximos, em alguns momentos dos anos 1920 migraram juntos para Buenos Aires. Ali, em 1940, quando as notícias da guerra irrompida se faziam cada vez mais pesadas, e quando já escasseavam as cartas dos muitos parentes deportados para os campos, ali, em 1940, conceberam meu pai. (FUKS, 2015, p. 32-33)

Assim, o narrador tem em suas memórias as narrativas de seus pais, que trazem consigo uma história de opressão e de resistência desde seus antepassados, com a perseguição aos judeus e a fuga para Argentina. A história se repete com os pais do narrador, que deixam seu país, a Argentina, e se exilam no Brasil. O narrador carrega consigo essas memórias de opressão e de exílio, como sendo sua própria história. Além disso, o narrador traz memórias da ditadura argentina que envolvem uma coletividade.

No decorrer da narrativa, repetidamente, o narrador recorre a memórias que envolvem a coletividade. Toma-se, aqui, como exemplo, o momento quando o narrador relata sobre um jantar oferecido pelos seus pais aos colegas do hospital no qual a sua mãe trabalhava e acabara de assumir um cargo de destaque. Nenhum dos colegas, com os quais sua mãe compartilhava horas de trabalho, cafés e discussões, compareceu ao jantar. Seus pais ficaram frustrados com a ausência de todos os convidados. Porém, o narrador relaciona tal atitude a uma percepção coletiva: "(...) [n]inguém jamais diria, e, no entanto, era tão óbvio: julgavam a casa deles perigosa" (FUKS, 2015, p. 51). Essa é uma memória que envolve o sentimento da coletividade, isto é, o sentimento de medo e de repressão instaurado no período ditatorial, que constrangia os indivíduos até de participarem de eventos sociais. Ademais, mostra o engajamento dos pais do narrador-personagem na luta e na resistência contra o regime ditatorial.

A MEMÓRIA E A RESISTÊNCIA

Pelo teor da narrativa, pode-se dizer que própria memória do narrador é uma forma de resistência. Mesmo que, por vezes, o narrador pareça não distinguir o que é realidade e o que é invenção, ele insiste em **montar** a sua história, recorrendo a objetos e a lugares que o ajudarão a entender e a conhecer fatos que não presenciou. Segundo o narrador, isso é necessário para confrontar os que "dizem basta", para aqueles que "duvidam da nossa luta" e também para os



que “querem que esqueçamos” (FUKS, 2015, p. 129). As memórias no narrador e, conseqüentemente, a reconstrução de sua história familiar, é um ato de resistência na medida em que “[i]sto é uma reparação, sim, para ele, para mim, mas também para toda a sociedade. Só não é uma reparação total: é preciso continuar procurando os que faltam (...)” (p. 129).

A propósito, segundo Alfredo Bosi (2002), a resistência é uma concepção originariamente ética. De acordo com o autor, no sentido mais profundo, ela “apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a própria força à força alheia. A arte teria a ver primeiramente com as potências do conhecimento: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória” (BOSI, 2002, p. 118). O termo **resistência** e a sua relação com a cultura, a arte e a narrativa foram pensados e reformulados no período entre 1930 e 1950, época em que muitos intelectuais envolveram-se no combate contra o nazismo e o fascismo. O crítico afirma que, em relação à narrativa, a resistência pode se dar de duas maneiras, as quais não se excluem necessariamente: a resistência como tema e a resistência como processo inerente à escrita.

No romance de Fuks, a resistência na narrativa se dá, principalmente, como tema. Em diversos momentos, observamos que o narrador trata da questão da resistência. Para Bosi (2002), o romancista tem um amplo espaço de liberdade criativa, trabalhando não apenas com memórias de fatos que aconteceram, mas com todo o campo do possível e do imaginável. Assim, “[o] narrador cria, *segundo seu desejo*, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes” (BOSI, 2002, p. 121, ênfase no original). Nesse sentido, o narrador pode expressar seus valores e antivalores, tais como a liberdade e despotismo, por exemplo. Desse modo, em *A resistência*, o narrador expressa seus valores pessoais e políticos, entre outros, mostrando sua resistência pessoal e familiar, especialmente ao período ditatorial argentino.

Nessa perspectiva, Michel Foucault (2010) declarou, em uma conferência de 1977, que as relações de poder abrem a possibilidade para a resistência e, por haver essa possibilidade, o poder do dominante tenta se manter cada vez com mais força, na medida em que a resistência for mais sagaz. No romance de Fuks, a resistência consiste no próprio ato de narrar e de conduzir o leitor a se envolver no mundo (imaginário ou real) do narrador bem como na reconstrução do seu passado:

A quem, é o que pergunto, quem se interessaria hoje por tão mesquinhos meandros de um tempo distante, e a resposta que meu pai repete é uma absurda mescla de devaneio e lucidez: as ditaduras podem voltar, você deveria saber. As ditaduras podem voltar, eu sei, e sei que seus arbítrios, suas opressões, seus sofrimentos, existem das mais diversas maneiras, nos



mais diversos regimes, mesmo quando uma horda de cidadãos marcha às urnas bienalmente – é o que penso ao ouvi-lo mas me privo de dizer, para poupá-lo da brutalidade do mundo ou por algum receio de que não me entenda. (FUKS, 2015, p. 40)

O romance em questão é uma forma de resistência, pois, nele, há a possibilidade de inscrição do que está registrado na memória e no corpo do narrador. Logo, o narrador expõe a sua ótica através de suas vivências, seja negando, confirmando ou recriando as suas experiências. Na citação reproduzida, fica evidente que o narrador resiste ao esquecimento dos fatos passados, e lembrar constitui-se também em um compromisso ético, para que os indivíduos recordem-se dos acontecimentos do passado, seja a ditadura ou outro evento violento, a fim de que as ditaduras não voltem a acontecer.

A própria constituição da família do narrador é tida como um ato de resistência: "(...) [t]alvez o desejo de ter um filho fosse naquele instante o que lhe restava o que lhe restava de vida, fosse outra forma de luta, de recusa à aniquilação proposta pelo regime. Ter um filho há de ser, sempre, um ato de resistência" (FUKS, 2015, p. 42). Sua mãe sempre teve a convicção impreterível e a obstinação de construir uma família e, em seu drama de fracassar em ter um filho durante anos, optou, então, pela adoção. Posteriormente, mesmo em meio a um período turbulento, teve também seus filhos biológicos. Aliás, justamente por estar em um período de turbulência política, ela via a constituição de uma família como um ato de resistência: "(...) [t]alvez a afirmação da continuidade da vida fosse apenas mais um imperativo ético a ser seguido, mais um modo de se opor à brutalidade do mundo" (p. 42). Com a continuidade da vida, haveria a possibilidade da continuidade dos valores e dos princípios familiares, assim como da resistência à brutalidade desses e daqueles tempos.

O romance de Fuks também é uma forma de resistência à história oficial, pois a narrativa apresenta várias cenas de violência e marcas da ditadura militar, casos de torturas e o desaparecimento de amigos da família do narrador-personagem. Enfim, a narrativa é repleta de denúncias que confrontam a historiografia oficial e traz à tona uma parte da história que, por muito tempo, e, talvez, ainda hoje, tentou ser encoberta por aqueles que detinham (e detêm) o poder. No excerto abaixo, é possível observar tais aspectos:

De outra noite não me esqueço, numa cidade longínqua desse mundo que se fizera vasto, num ano longínquo ao da escapada, mais próximo a este em que me ponho a contá-la. Estava em Barcelona com meus pais, jantávamos com Valentín Barembliitt, vidros tilintavam numa alegre coreografia de taças. Entre um sorriso e outro de Valentín, entre uma anedota e



outra que contava, uma sombra cobriu-lhe a face, turvando-a por um instante, ele se afastou da mesa e ergueu a barra da calça. Seu tornozelo direito estava inchado, vermelho, deformado: Está vendo este meu tornozelo?, ele indagou à minha mãe. Fizeram isso enquanto perguntavam sobre você. (FUKS, 2015, p. 83-84)

Nesse trecho, o narrador relembra o exílio e, como seus pais, assim como tantos outros compatriotas, tiveram que deixar seu lar e se aventurar em países estranhos em busca de segurança, como forma de resistência ao regime imposto e de preservação de seus valores. O texto também mostra as marcas físicas daqueles que foram presos, interrogados e torturados pela ditadura, como os tornozelos ainda inchados e deformados de Valentín Baremblitt. Ademais, o narrador expõe os fatos com riqueza de detalhes, como o local, a situação e as pessoas envolvidas no episódio, o que confere autenticidade aos fatos.

Ainda tratando sobre resistência, Bosi afirma que ela “é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico” (BOSI, 2002, p. 134). Além disso, a resistência se dá no “[m]omento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece (...)” (BOSI, 2002, p. 134), além de pôr em crise os laços estreitos que o prendem à trama das instituições. Em *A resistência*, o narrador distancia-se do seu passado, para, então, adentrar nele novamente, rever e reescrever a sua história familiar. A distância dá outro tom e outro entendimento ao passado e, da mesma forma, novos questionamentos feitos também através de seu pai: “(...) [o] que se ganha com uma descrição tão minuciosa de velhas cicatrizes, o que se ganha com esse escrutínio público de nossos conflitos?” (FUKS, 2015, p. 136-137). O pai ainda afirma que, ao escrever sobre o seu passado, “há muita elaboração de tudo o que vivemos” e que este “é um livro saturado de cuidado” (FUKS, 2015, p. 137).

Outro aspecto relacionado à resistência no romance de Fuks é a questão da forma. O próprio gênero romance é uma resistência, pois as memórias narradas em primeira pessoa remetem muito ao estilo dos relatos testemunhais, o qual é uma narrativa que possui duas características especiais: elementos de fabulação e elementos documentais que incluem marcas de tempo e de espaço. Nesse sentido, o romance *A resistência*, por vezes, é considerado pela crítica como autoficção, ou seja, uma forma de autobiografia ficcional. O fato é que a narrativa induz o leitor a pensar sobre o que é fato ou ficção, mesmo a obra se caracterizando como romance. O narrador afirma que “[i]sto não é uma história. Isto é história. Isto é história e, no entanto, quase tudo que eu tenho ao meu



dispor é a memória...” (FUKS, 2015, p. 23). O aspecto ambíguo que a narrativa gera faz com que os leitores não saibam ao certo se estão lendo uma ficção ou uma obra autobiográfica. O narrador fala de sua própria resistência, pois, segundo ele, “[é] preciso aprender a resistir. Nem ir, nem ficar, aprender a resistir” (p. 79). Elementos documentais, incluindo marcas de tempo e de espaço, também são recorrentes na narrativa: “(...) recebeu aquela carta, trinta e quatro anos mais tarde, a carta que convertia Marta Brea em Marta María Brea, vítima do terrorismo de Estado da ditadura (...) cujos restos agora identificados ratificavam seu assassinato em 1º de junho de 1977” (p. 78).

CONCLUSÃO

Por fim, percebe-se, na obra em questão, que a memória exerce um papel fundamental na constituição do narrador-personagem como sujeito. Além disso, através do narrador, são apresentadas memórias coletivas e individuais do período em que a Argentina ficou sob domínio ditatorial. São memórias que denunciam a resistência dos pais, os abusos por parte do governo, as torturas e o exílio dos pais, o qual também é transmitido ao filho. As memórias do narrador auxiliam não apenas na reconstrução do seu passado como no entendimento sobre a sua personalidade e os seus sentimentos no presente. Os anseios, as emoções e as convicções, que são transmitidas de uma geração a outra, como as herdadas pelo narrador Sebastián de seus pais, são assimiladas de forma mais clara através do resgate da memória.

Quanto à resistência, no romance de Fuks, ela se dá principalmente como tema, o que também não exclui a resistência como forma. A resistência mais imediata é a resistência dos pais à ditadura militar, mas há também a resistência do irmão adotivo ao convívio familiar e a resistência do próprio narrador, que resiste ao esquecimento e resiste ao resgatar e narrar a sua história. Aliás, a resistência está presente numa série de aspectos do romance e, assim, uma relação entre o **resistir** e o **existir** pode ser estabelecida: o narrador resiste como forma de reafirmar a sua existência, a sua essência. Enfim, ao trazer à tona as suas memórias e a sua resistência, o narrador marca também o compromisso ético do não esquecimento aos episódios violentos e opressores que acompanham o ser humano em sua trajetória.



REFERÊNCIAS

- BOSI, A. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FOUCAULT, M. *Estratégia, poder-saber: Ditos e escritos IV*. Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FUKS, J. *A resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HARTMAN, G. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Orgs.). *Catástrofe e representação: Ensaio*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 207-235.
- PADRÓS, E. S. Usos da memória e do esquecimento na história. *Letras: Literatura e autoritarismo*, n. 22, Santa Maria, jan.-jun. 2001, p. 79-95.
- PIRES, P. *Entrevista com Julián Fuks*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-brasil-e-incapaz-de-refletir-sobre-seu-passado-diz-julian-fuks/>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- RICHARDSON, A. *The ethical limitations of Holocaust literary representation*. Disponível em: http://www.gla.ac.uk/media/media_41171_en.pdf. Acesso em: 18 dez. 2017.
- SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003.

